

de Sr M. Paola Lanzilotti icms

Renascer da água e do Espírito

O Catecismo da Igreja Católica, num. 537 convida o cristão a “*descer às águas com Jesus, subir com Ele, renascer da água e do Espírito e **caminhar numa vida nova***”.

O Pai Fundador convidou-nos a fazê-lo com estas palavras: “*Deixe o seu pensamento ser novo e santo, deixe a sua vontade ser nova e santa*”. **Santidade, este é o desejo de Deus para nós:** “*Sejam a luz do mundo, sejam o sal da terra*”.

Às vezes parece algo extremamente distante e sobretudo particularmente difícil. Isso porque ainda confiamos demais na nossa força humana e a santidade acaba aparecendo como algo inatingível.

O que não se tem em conta é que **no Batismo já recebemos todos os dons espirituais necessários à nossa santificação**.

A Santíssima Trindade dá ao batizado a graça santificadora que o torna capaz de acreditar em Deus, de esperar Nele e de O amar; recebemos a capacidade de viver e agir sob a ação do Espírito Santo através de Seus dons; podemos crescer no bem através das virtudes morais.

Então, por que parece que temos tantos cristãos e tão poucos santos?

Talvez porque não basta receber o Batismo. Como foi dito no parágrafo anterior, a nossa resposta a Deus é fundamental e não poderia ser de outra forma.

Deus é amor e o Amor não obriga ninguém a amá-Lo de volta.

A santidade é concretamente fruto de muitos pequenos atos quotidianos de amor e de fidelidade ao Senhor.

Cada Sacramento com o seu rito é sinal visível de uma realidade invisível. É muito evidente em relação ao Batismo. **O sinal da água corrente indica uma lavagem, uma regeneração, uma “limpeza”**. A alma é lavada do pecado original, mas lembramos que as suas consequências permanecem dentro de nós.

Como podemos esquecê-lo quando experimentamos a cada momento a nossa fraqueza, se aprendemos principalmente a estar atentos à voz do Espírito Santo que fala à nossa alma?

Portanto, viver esta «vida nova» não é apenas um dom recebido do alto, mas também fruto de um trabalho pessoal que começa por passar pela porta da **humilde humilhação e do arrependimento de Cristo**.

Ele nos deixou um exemplo... Aquele que era Deus tornou-se nosso servo.

A humildade é uma virtude fundamental também para não nos orgulharmos do bem que podemos fazer e é uma virtude própria do cristão. Todos os membros da FCIM, sejam religiosos ou leigos, têm a humildade **como traço distintivo** em particular. Manifesta-se na relação de abandono confiante nos braços do bom Deus, na não resistência à Sua vontade; manifesta-se também nas relações interpessoais, no serviço ao próximo, a partir dos membros do Movimento, e na simples docilidade para com aqueles que legitimamente nos representam a autoridade de Deus. Se olharmos para a vida do Fundador, percebemos o exemplo sublime que ele nos deixou também neste sentido, até ao fim da sua vida terrena.

“Queridos filhos, digam-nos se devemos perder tempo ou se devemos trabalhar em nós mesmos para nos apresentarmos diante de Deus ricos de santidade e de virtude, fazendo todo o bem da maneira mais virtuosa possível! Lembre-se disto: mesmo as coisas boas devem ser bem feitas e não para aparecer. Então, você tem que aproveitar muito o tempo que Deus te dá para trabalhar em si mesmo [...] pensando sempre que você tem alma. Pense que esta alma deseja os mais altos cumes de santidade para se encontrar no seio desse Deus

perfeitíssimo... você, portanto, não deve aprisioná-la com seus vícios, seu egoísmo, mas permitir que ela suba até Ele tanto quanto possível ... é isso que aspira sua alma”.

Não esqueçamos o caminho seguro que leva a Deus: **Nossa Senhora**.

Devemos ser pela graça o que Jesus foi por natureza. Deus a usou para vir até nós, e nós nos agarramos a Maria Santíssima para ascender até Ele.

Liberdade dos filhos de Deus

*“Tudo o que aconteceu em Cristo nos faz compreender que, depois da imersão na água, o Espírito Santo voa do céu sobre nós e que, adotados pela voz do Pai, nos tornamos **filhos de Deus**”.*

Somos filhos adotivos de Deus, filhos no Filho, amados imensamente como o próprio Jesus.

Se realmente entendêssemos o que significa tornar-nos filhos de Deus, nenhum pai negaria o batismo ao seu filho, e nós mesmos veríamos a vida de uma perspectiva diferente.

Um filho sabe que é amado, seguido, não se sente sozinho, confia no pai e obedece a sua voz! Aprendemos com Jesus a viver como filhos para com Deus, e antes de tudo Jesus nos ensina que um **filho age por amor**, que a fé é verdadeira quando abre uma relação pessoal com Deus. Portanto, não é uma doutrina a aprender ou uma moralidade para respeitar, mas **um Pai que educa e ensina a viver, para o seu bem**.

A oração torna-se, portanto, o meu coração em busca do seu e não um simples dever a cumprir. Respeitar os mandamentos é fazer feliz o Pai e buscar o que me faz bem, que é a minha felicidade, nesta vida e na próxima.

Infelizmente, a relação que os cristãos muitas vezes experimentam com Deus é mais a de um servo com o seu senhor do que a de um filho com o seu pai.

Neste tipo de vida não há liberdade e talvez nem percebamos isso.

Superemos a tentação de viver a nossa fé como o filho mais velho da parábola do filho pródigo, **executor de ordens esquecido do coração**, com a presunção de sentir-nos justos, que nos leva então a ser implacáveis para com os outros.

Evitemos também de nos parecer com o filho mais novo que pensa que ser livre significa distanciar-se do Pai e **viver de acordo com os seus desejos e caprichos**. Neste segundo caso rejeitamos a paternidade de Deus e temos a orgulhosa presunção de acreditar que não precisamos Dele.

Busquemos o Santo Equilíbrio dado pela Verdade e lutemos contra o pecado que vive em nós e também contra esses terríveis adversários chamados compromissos, respeitos humanos... tudo isso nos “amarra”, impedindo-nos de viver naquela liberdade que Cristo conquistou por nós ao preço do seu Sangue.

“Cristo nos libertou para a liberdade! Portanto, permaneçam firmes e não deixem que o jugo da escravidão se imponha novamente sobre vocês. Pois vocês, irmãos, foram chamados à liberdade.

Contudo, esta liberdade não se torne um pretexto para a carne; através do amor, estejamos a serviço uns dos outros”.

Num mundo e num tempo onde a liberdade significa não ter limites, o cristão abraça voluntariamente e com amor todas as palavras de Deus, torna-as suas, medita-as, tenta vivê-las mesmo que sejam exigentes, porque sabe, e não esquece que vêm de um Pai que só quer o seu bem.

Fora de um relacionamento verdadeiro com Deus não há liberdade, mas a pessoa é escrava de si mesma ou da própria religiosidade, que é mais externa, formal, do que uma expressão de amor.

“As virtudes cristãs, quando bem exercidas, nos dão liberdade. Jesus diz: -A Verdade vos libertará. Um coração escravizado pelos vícios não é livre, é um pobre coração que em breve será vítima de um ataque cardíaco. Se olho para o coração dos santos, que copiaram bem o de Jesus, vejo um coração livre na verdade e na caridade, e também os vejo livres para se doarem sem limites e sem reservas a tudo e a todos”.

O Batismo libertou-nos das cadeias do pecado original e deu-nos a graça de enfrentar a concupiscência que faz parte da nossa natureza humana ferida; O Batismo tornou-nos filhos de um Pai que é Amor, para que cada um de nós possa viver também a sua vocação, a do amor. **O cristão ama em liberdade e em verdade.**
